

VISIBILIDADE PROBLEMÁTICA EM VENUTI

Luana Ferreira de Freitas
Universidade Federal de Santa Catarina
luanafreitas@estadao.com.br

Resumo

Desde a escola romântica, no início do século XIX, a tradução literária ressalta o papel nuclear da autoria e da originalidade. Lawrence Venuti é um dos estudiosos da tradução que se dedicam à análise desta questão. Venuti propõe revisar a fidelidade do tradutor à intenção e ao estilo do autor com vistas a destacar a visibilidade do tradutor. Este artigo analisa os conceitos lançados por Venuti e sua aplicabilidade na prática da tradução.

Palavras-chave: tradução; autoria; originalidade; visibilidade.

Abstract

Since romanticism in the early 19th century literary translation has emphasised the nuclear role played by authorship and originality. Lawrence Venuti has dedicated himself to analysing this issue. Venuti proposes a redefinition of the translator's fidelity to the supposed writer's intention and style through which the translator's visibility could be achieved. This paper considers Venuti's ideas and analyses their applicability to the actual translation practice.

Keywords: translation; authorship; originality; visibility.

Este artigo discute os pressupostos teóricos lançados por Lawrence Venuti, estudioso bastante citado em questões relativas à autoria na tradução, e tem como objetivo fazer uma apreciação desses postulados com vistas a analisar sua aplicabilidade na prática da tradução.

Venuti dedicou-se à questão da autoria e analisou a tradução no contexto de língua inglesa e no fluxo colônia-metrópole. Um dos

conceitos introduzidos por Venuti é o da *tradução domesticadora* (*domesticating translation*). Para ele,

o fato da tradução é apagado através da supressão das diferenças lingüísticas e culturais do texto estrangeiro, assimilando-o aos valores dominantes na cultura da língua-alvo, tornando-o reconhecível e, dessa forma, aparentemente não traduzido. Com essa domesticação o texto traduzido passa por original, uma expressão da intenção do autor estrangeiro.¹ (p. 111)

A tradução domesticadora gera a invisibilidade do tradutor que busca priorizar a intenção do autor adaptando-a para a cultura local por meio do apagamento de quaisquer traços que possam, porventura, causar estranhamento ao leitor. Dessa forma, o tradutor faz com que o seu texto passe por um texto original sem que o leitor perceba que se trata, na verdade, de um texto traduzido. O esforço do tradutor em aproximar o texto fonte da cultura alvo envolve aspectos políticos e sociais que visam a priorizar o cânone. É, pois, uma leitura conservadora.

Em oposição à tradução domesticadora, Venuti propõe a *estrangeirizadora* (*foreignizing translation*). Essa tem como estratégia a incorporação de valores textuais marginalizados na cultura meta, ignorando o cânone local e introduzindo discursos outros como, por exemplo, o da periferia ou o do homossexual, ou, até, introduzindo gêneros e estilos com traços estrangeiros alheios à cultura alvo.

Na visão de Venuti, a tradução consiste em transformar o original, e essa transformação implica necessariamente uma mudança, já que o tradutor imporá sua leitura, criando uma outra rede de significados. O significado em Venuti não existe como um elemento isolado, completo, mas sim enquanto um construto determinado política e socialmente. Tanto o significado quanto a interpretação se moldam à bagagem intelectual do autor e do tradutor, as suas crenças teóricas e filosóficas e têm como limite o condicionamento

do pensamento político e ideológico de cada sociedade. Assim, em Venuti, a noção tradicional de autoria tem de ser revista. Ora, se os significados e o contexto são determinados por fatores sociais e históricos então não há autenticidade nem originalidade no escrever. Ao contrário, há uma previsibilidade inerente à produção textual da qual não se pode fugir. Tanto o autor quanto o tradutor têm suas atividades limitadas pelas práticas sociais. As estratégias do tradutor são, na verdade, predeterminadas por aspectos ideológicos, econômicos e históricos externos a ele. Dessa maneira, Venuti redimensiona a questão da autoria como idealizada pela teoria literária que vê na obra do autor autenticidade, originalidade e estilo próprios inexistentes.

Se, para Venuti, o significado é coletivo, então a subjetividade é construída e determinada por elementos sociais, políticos, históricos e culturais. Dessa maneira, não se pode pensar em criatividade nem em neutralidade na criação. Se a visão venutiana de autoria for expandida para incluir o tradutor, a conclusão será de que não há originalidade nem imparcialidade na sua atividade, uma vez que ele não se despoja da própria realidade nem dos significados a ele impostos ao traduzir.

A percepção de Venuti quanto à impossibilidade da originalidade do autor tem implicações para a tradução. Se o autor não mais é visto como produtor de seus textos, uma vez que está inserido em um contexto determinante de pensamento, o mesmo raciocínio tem de ser aplicado ao tradutor. O estatuto do autor e do tradutor é então revisto. Se ambos produzem seus textos dentro de um contexto histórico determinante e limitador de visões de mundo, então o autor e o tradutor deveriam gozar de prestígio equivalente em cada uma de suas culturas. Curiosamente, Venuti questiona a autoria do original para chamar a atenção para a autoria na tradução e, no entanto, acaba questionando a tradução enquanto atividade produtora, pois encara a originalidade de uma forma irrestrita e julga as práticas sociais como entidades superiores e anteriores ao discurso e à humanidade. Parece impossível advogar a autoria na tradução se o

argumento de determinismo histórico usado por Venuti for aplicado ao tradutor que, por sua vez, também está inserido no seu contexto histórico e cultural.

Contrária às idéias de intervenção consciente do tradutor por meio da auto-exclusão social, histórica e política, Frota analisa as postulações venutianas: “(...) o que há de positivo em se trazer para a reflexão sobre a linguagem as chamadas conjunturas sócio-históricas consiste justamente na consideração de que as manifestações discursivas não podem delas abstrair-se.” (FROTA, 1999, p. 87)

Venuti introduz o conceito da *consumibilidade* consoante a sua visão marxista de relações de produção, ou seja, quanto mais legível, fluente e legítima for a tradução, maior será o seu prestígio enquanto mercadoria e, portanto, mais consumível ela será. Soma-se a essa proporção a invisibilidade do tradutor, que será tanto maior quanto maior for o grau de consumibilidade do texto. A consumibilidade venutiana é uma imposição do mercado exigida por revisores, críticos, editoras e leitores. Em outras palavras, o tradutor tem como limite a aceitação social de seu trabalho.

Venuti sugere como estratégia de tradução a subversão dos modelos discursivos hegemônicos. Sua proposta fundamenta-se na visibilidade do tradutor que se daria por meio da *leitura sintomática* e da conseqüente *escrita de resistência*, as quais ele se propõe a ensinar. A escrita de resistência deve ser entendida como uma tradução estrangeirizadora, que adota visões e idéias alheias à cultura alvo, visando ao desvelamento da atividade do tradutor e da sua intervenção manifesta no texto.

Acerca da intervenção consciente do tradutor na produção do seu texto por meio da subversão do cânone, da estrangeirização da escrita e da inclusão de discursos marginalizados, que Venuti advoga, Frota afirma que

(...) isolar os contextos sociais parece implicar também um problema em sua própria concepção: o deslocamento, para

essa suposta instância, da fixidez e estabilidade anteriormente atribuídas aos significados. Passa-se a ter, de um lado, uma ordem de contextos sociais diferentes e discerníveis e, de outro, uma ordem de discursos igualmente distintos e apreensíveis. Separar a linguagem das tensões históricas e ideológicas, social e discursivamente disseminadas, estabelecendo entre elas uma relação de exterioridade e de anterioridade, cria a ilusão de podermos, desde que estejamos preparados para tal, enxergá-las e controlá-las. (p. 87).

Se, de acordo com Venuti, o contexto e a interpretação têm como limite a ideologia de classe e se o tradutor só rompe com o *status quo* se propuser conscientemente um texto de assimilação problemática para o leitor, então a subjetividade é excluída da escrita do tradutor. Resta ao tradutor optar por um dos caminhos possíveis excludentes entre si: domesticar valores, discursos e temática ou estrangeirizá-los.

O posicionamento do tradutor se dá consoante sua crença de no que consiste a tradução e deve ser enquadrado em uma dessas posições. O tradutor ou é conservador ou é revolucionário e, para optar, ele deve se filiar a um desses blocos. Daí Frota chamar Venuti de “sindicalista, que convoca seus pares a ‘mudar’ a situação atual, ‘chamando sua atenção para os modos como as traduções são hoje escritas e lidas, e conclamando-os a pensar em alternativas.’” (p. 123).

Como Venuti pode supor deter estratégias de leitura e escrita subversivas se ele próprio contesta a originalidade e a autoria? Se os significados e a interpretação são determinados por fatores externos ao tradutor, se não há originalidade de fato e se Venuti também está inserido em um determinado contexto histórico e cultural, como é possível que ele tenha respostas para a questão da autoria tão almejada pelos teóricos da tradução? Há igualmente um outro aspecto relevante a ser comentado. Se os tradutores devem resistir à consumibilidade e passar a exercer o controle do seu texto e da sua interpretação, eles passarão por ditadores de

significados, o que contraria a postura supostamente democrática e subversiva do autor.

A grande lacuna da teoria de Venuti está, acredito, no fato de ele considerar somente a própria realidade. Apesar da influência marxista marcada de seus argumentos, Venuti analisa a realidade da tradução de um ângulo que pode ser considerado, no mínimo, limitado. Ele admite que a cultura que ele representa é, na verdade, hegemônica, exportadora de conhecimento, tecnologia, literatura. E, igualmente, que o fluxo de tradução por ele analisado é mínimo se comparado ao fluxo de tradução demandado em países periféricos, como o Brasil. A esse respeito Venuti afirma que a “ascendência política e econômica dos Estados Unidos reduziu as línguas estrangeiras e suas culturas a minorias em relação à língua e à cultura norte-americanas. O inglês é a língua mais traduzida no mundo, mas uma das que menos recebe traduções (...).”² (1998, p.10). Venuti reafirma a sua atitude de resistência quando revela preferir “traduzir textos que ocupem posição minoritária nas suas culturas, que estejam à margem do próprio cânone, ou cuja tradução possa ser útil para promover o discurso marginal no dialeto padrão e na cultura dominante norte-americanos.” (p. 10)³. O autor explica que essa preferência se deve a um posicionamento político democrático que consiste na oposição à hegemonia da língua inglesa.

Em um país como o nosso, a demanda de tradução é intensa e o fluxo é ininterrupto, abrange filmes, manuais, livros e ensaios científicos. Vista sob este prisma, a abordagem de Venuti é até ingênua. O estatuto do tradutor em um país que dita e exporta regras não pode se comparar ao do tradutor africano, latino ou indiano, tampouco esses tradutores são tão invisíveis enquanto agentes sociais. Naturalmente, isso não quer dizer que esses tradutores tenham maior prestígio em relação àqueles. Os tradutores de países periféricos têm uma responsabilidade social muito maior e sua existência é mais reconhecida. Se esses tradutores adotassem a escrita de resistência venutiana no mercado brasileiro, por exemplo, que relevância social teriam?

O posicionamento ‘democrático’ venutiano é favorecido pelo ambiente no qual ele pesquisa. Uma tradução produzida em um ambiente acadêmico cujo propósito seja a pesquisa ou a análise interna não pode ser comparável a uma tradução produzida fora do ambiente laboratorial da academia. No mundo exterior, o tradutor lida com prazos, revisores, leitores, instituições, editoras, regras e pagamento. A liberdade de que Venuti goza enquanto teórico e pesquisador é verdadeira para poucos tradutores e não representa a realidade do mercado de tradução.

Daí o cisma entre teoria e prática. Muitos dos pensadores da tradução pouco traduzem, o que, com frequência, tem como conseqüência a pouca aplicabilidade de seus conceitos. Um exemplo pertinente dessa pouca aplicabilidade foi exposto por Guerini quando aplicou os conceitos de Haroldo de Campos à sua tradução da poesia “L’infinito” de Giacomo Leopardi. Campos, defensor e teorizador da chamada *transcrição*, acredita que a atividade de tradução requer necessariamente uma etapa de criação que passa por uma interpretação individual do tradutor, independente do texto fonte e do seu autor. O tradutor, então, se apropria do outro, esse outro podendo ser o original ou as práticas literárias passadas ou contemporâneas, que resulta em releitura própria e na posterior produção de um segundo texto que não tem necessariamente de ter traços comuns com o primeiro texto. No entanto, Guerini verificou que “a teoria de tradução como criação e como operação crítica defendida por Haroldo de Campos não se aplica, neste caso, à sua própria tradução.” (2000, p.112).

Interessante observar que Venuti parece ter influenciado tantos teóricos e professores de teoria de tradução na academia. Os alunos de tradução sentem-se desconfortáveis ao perceberem a impossibilidade de aplicar os conceitos que lhes foram passados nas aulas de teoria como inovadores nas aulas de prática de tradução. Uma vez graduados, constatam que os leitores, de uma forma geral, buscam exatamente a fluência e a inteligibilidade nos textos que lêem, ou, nas palavras de Venuti, a invisibilidade da consumibilidade.

A preocupação de Venuti concernente à invisibilidade do tradutor é oportuna e diz respeito a todos os que se ocupam com tradução, tanto na academia quanto no mercado de trabalho. Não defendo aqui a submissão ao autor e tampouco ao original, mesmo porque acredito, sim, na autoria do tradutor. Venuti tornou-nos mais conscientes do papel social que desempenhamos, porém não podemos perder de vista o que a prática da tradução requer tanto na academia quanto fora dela.

Notas

1. Tradução de Stella E. O.Tagnin.
2. The economic and political ascendancy of the United States has reduced foreign languages and cultures to minorities in relation to its language and culture. English is the most translated language world-wide, but one of the least translated into (...).
3. Em inglês: I prefer to translate foreign texts that possess minority status in their cultures, a marginal position in their native canons – or that, in translation, can be useful in minoritizing the standard dialect and dominant cultural forms in American English.

Referências Bibliográficas

Guerini, A. "*L'infinito*": *tensão entre teoria e prática na tradução de Haroldo de Campos*. In: *Cadernos de Tradução* 6. Florianópolis: Núcleo de Tradução, 2000. pp. 105-114.

Frota, M. P. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas: Pontes, 1999.

Venuti, L. *O escândalo da tradução*. In: *Tradterm* 3, São Paulo, 1996. pp. 111-122.

_____. *The scandals of translation: toward an ethics of difference*. New York: Routledge, 1998.